

CEDI - P. I. B.
DATA 26, 08, 86
COD A5D00004

EXPOSIÇÃO DO
ACERVO ETNOGRÁFICO
Do Depto. de Ciências Sociais.

-1986-
FFLCH - USP

ACERVO PLINIO AYROSA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/USP

março de 1986

Ao montarmos a EXPOSIÇÃO DO ACERVO ETNOGRÁFICO DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - do "Museu" como é conhecido pelo público do Departamento - procuramos atender vários objetivos.

O primeiro, destinado aos alunos do Curso de Graduação em Ciências Sociais, para quem este "Museu" significou certa vez apenas um conjunto de "velharias empoeiradas". Tentamos reunir nesta mostra fragmentos da história do Acervo Plínio Ayrosa, com textos, fotos e peças que ilustram a diversidade das coleções depositadas neste Acervo.

Por outro lado, como indica o título da exposição, procuramos divulgar, dentro do próprio Departamento, a necessidade de um trabalho contínuo e sistemático de organização e preservação das coleções etnográficas, iniciado em 1983, com um projeto financiado pelo CNPq complementado em 1985, com apoio da FAPESP. A exposição consiste, de certa forma, no relato das atividades desenvolvidas neste período.

Finalmente, a mostra focaliza alguns dos temas de interesse para o estudo da cultura material indígena, assim como apresenta as pesquisas em andamento no Acervo, realizadas por alunos do Curso de Graduação.

A mostra divide-se em cinco tópicos, com textos e vitrines que acompanham os seguintes aspectos:

1. História e conteúdo do Acervo Plínio Ayrosa
2. Critérios de organização das coleções de artefatos indígenas
3. Exemplares de coleções representativas da história do Acervo: Ramkokamekra- Canela, Rio Negro, Bororo e "coleções novas"
4. Pesquisas em andamento: cultura material Bororo; classificação das peças de cerâmica; cerâmica Kadiweu
5. comercialização de artesanato indígena

Dominique T. Gallois
Jaime Garcia Siqueira Junior
Luís Donisete Benzi Grupioni

ACERVO ETNOGRÁFICO DO DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS SOCIAIS

O Acervo Etnográfico do Departamento de Ciências Sociais é constituído por coleções de artefatos indígenas representativos de cerca de 80 povos distintos.

Origina-se no "Museu de Etnografia", fundado pelo Prof. Plínio Ayrosa que reuniu as primeiras coleções. Em 1936, o Prof. Fernando de Azevedo adquiriu do etnólogo Curt Nimuendajú uma coleção de artefatos Ramkokamekra-Canela para o "Centro de Documentação Etnográfica e Social do Instituto de Educação da USP".

Ainda na década dos anos trinta, foram incorporadas coleções procedentes de diversos povos indígenas, como a coleção Rio Negro, reunida pela Irmã Catarina de Oliveira. Mais tarde, o Museu recebeu a coleção do colecionador Luiz Paixão Silva.

A partir da década de setenta, e acompanhando o significativo desenvolvimento da Etnologia, no Brasil, o Acervo cresceu com um grande número de coleções, todas doadas por pesquisadores, do Departamento e de outras instituições.

Atualmente, as coleções indígenas cadastradas somam mais de 3.000 peças; por outro lado, o Acervo inclui material arqueológico, com diversas procedências, de importante valor científico (vide adiante: "Conteúdo do Acervo").

As atividades desenvolvidas no Acervo, abertas aos alunos e aos pesquisadores, procuram estimular o interesse e a pesquisa sobre a cultura material indígena, tomando como ponto de partida as valiosas coleções do depósito e as pesquisas em andamento na Área de Antropologia do Departamento.

Assim, desde 1983, pequenos projetos financiados pelo CNPq, FAPESP e FFLCH/USP permitiram um trabalho mais sistemático de organização das coleções e sobretudo a realização de tarefas prioritárias na imunização e conservação das coleções.

3

CONTEÚDO DO ACERVO PLINIO AYROSA

1. Coleções de artefatos indígenas, procedentes das seguintes "áreas culturais" (classificação adaptada a partir de E. Galvão, 1959):

I. ALTO AMAZONAS

| | | | |
|----------|----|---------------------|-----|
| Arapassu | 4 | Tucano | 82 |
| Baniwa | 6 | Witoto | 2 |
| Kokama | 2 | Índios do Amazonas | 16 |
| Maku | 60 | Índios do Rio Negro | 173 |
| Tariana | 4 | | |
| Ticuna | 23 | <u>total:</u> | 371 |

II. RORAIMA (Área norte-amazônica)

| | | | |
|-----------|----|----------------------|-----|
| Arekuna | 1 | Yanomami | 90 |
| Ingariko | 1 | Yekuana (Maiongong) | 5 |
| Krixana | 4 | Waimiri | 1 |
| Makuxi | 23 | Wapixana | 4 |
| Pauxiana | 2 | Índios do Rio Branco | 5 |
| Taulipang | 2 | <u>total:</u> | 138 |

III. GUIANA BRASILEIRA

| | | | |
|------------|-----|------------------------|-----|
| Hixkaryana | 2 | Wayana e Wayana-Aparai | 34 |
| Tiriyó | 55 | Wayana ou Tiriyó | 25 |
| Walápi | 143 | <u>total:</u> | 259 |

IV. JURUÁ-PURUS

| | | | |
|--------------|---|---------------|---|
| Apurinã | 2 | | |
| Chama/Takana | 2 | | |
| Kulina | 3 | <u>total:</u> | 7 |

V. GUAPORE

| | | | |
|---------------------|----|---------------|----|
| Arikem | 1 | Paresi | 1 |
| Jabutí | 1 | Umutina | 14 |
| Nambiquara/Mamaindê | 17 | | |
| Palmela | 1 | <u>total:</u> | 35 |

VI. ALTO XINGU

| | | | |
|----------|----|---------------|----|
| Aweti | 1 | Mehinaku | 3 |
| Bakairi | 5 | Waurá | 8 |
| Kalapalo | 2 | | |
| Kamayurá | 16 | <u>total:</u> | 35 |

VII. TOCANTINS-XINGU ORIENTAL

| | | | |
|---------|----|---------------------|-----|
| Pukobyé | 6 | Ramkokamekra-Canela | 475 |
| Apinajé | 8 | | |
| Krahô | 24 | <u>total:</u> | 513 |

VIII. TOCANTINS-XINGU CENTRAL

| | | | |
|---------|----|---------------|----|
| Xavante | 63 | | |
| Xerente | 16 | <u>total:</u> | 79 |

IX. TOCANTINS-XINGU OCIDENTAL

| | | | |
|------------------|-----|----------------------|-----|
| Tapirapé | 25 | Suruí Mudjetire | 24 |
| Canoeiro | 1 | Asuriní do Tocantins | 17 |
| Javaé | 14 | Parakanã | 70 |
| Karajá | 248 | | |
| Kaiapó | 6 | Xipáia | 5 |
| Kaiapó Gorotire | 1 | Kuruáia | 2 |
| Kaiapó Mekrãnoti | 205 | | |
| Kaiapó Xikrin | 219 | | |
| Gavião Parkatejê | 32 | <u>total:</u> | 869 |

XI. PINDARÉ- GURUPI

Tembé 1

XII. PARANÁ -SÃO PAULO

| | | |
|-----------------|----|------------------|
| Guarani Nandeva | 37 | |
| Guarani Kaiowá | 52 | |
| Opajé Xavante | 1 | <u>total: 90</u> |

XIII. TIETÊ-URUGUAI

| | | |
|------------------|----|------------------|
| Charrua | 3 | |
| Kaingang | 17 | |
| "Botocudos" | 2 | |
| Xokleng/Kaingang | 58 | <u>total: 80</u> |

XIV. SUDOESTE

| | | | |
|------------------|-----|-------------------|---|
| Bororo Orientais | 509 | Maka/Matako | 3 |
| Chamakoko | 5 | Toba | 6 |
| Kadiweu | 57 | <u>total: 579</u> | |

XV. LESTE

| | | |
|------------------------------|---|-----------------|
| "Botocudos"do Espírito Santo | 2 | |
| Krenak | 1 | |
| | | <u>total: 3</u> |

Número total de artefatos indígenas cadastrados: 3.059
(dezembro de 1985)

2. MATERIAL ARQUEOLÓGICO

O Acervo Plínio Ayrosa conta com uma pequena coleção de objetos procedentes de excavações arqueológicas realizadas em diversas regiões do país. Trata-se essencialmente de material lítico e de fragmentos de cerâmica, reunidos pelo colecionador Luis Paixão Silva, e integrados ao Acervo há mais de 30 anos.

Embora esteja parcialmente cadastrado, este material não foi objeto de estudo sistemático e deverá, no futuro, ser integrado ao programa de pesquisas a serem desenvolvidas no Acervo, com a participação de especialistas de outras unidades da USP.

Material arqueológico procedente das seguintes regiões:

| | | | |
|----------------|----|--------------------------|-----|
| Amapá | 1 | Paraná | 17 |
| Amazonas | 11 | Piauí | 1 |
| Bahia | 3 | Rio de Janeiro | 1 |
| Espírito Santo | 1 | Rio Grande do Sul | 10 |
| Goiás | 9 | Santa Catarina | 19 |
| Maranhão | 2 | São Paulo | 101 |
| Mato Grosso | 6 | | |
| Minas Gerais | 23 | procedência desconhecida | 38 |
| Pará | 44 | | |
| Ilha de Marajó | 39 | <u>total:</u> | 326 |

Artefatos indígenas e material arqueológico procedentes de outras regiões da América do Sul:

| | | | |
|-----------|---|---------------|----|
| Bolívia | 4 | México | 10 |
| Chile | 3 | Peru | 24 |
| Guatemala | 1 | | |
| Honduras | 1 | <u>total:</u> | 43 |

Material arqueológico de outras procedências:

| | | | |
|----------------|----|---------------|----|
| Africa | 1 | Mesopotâmia | 1 |
| Birmânia | 2 | Portugal | 8 |
| Dinamarca | 1 | Síria | 1 |
| Egito | 10 | Suiça | 3 |
| Ilha de Páscoa | 1 | <u>total:</u> | 28 |

O CADASTRO DE COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS

Colecionar, conservar, comunicar: tres atividades que definem os objetivos de um "museu". Neste contexto, a preservação e a coleta de informações sobre os artefatos depositados num acervo tornam-se tarefas prioritárias do museu, visto como centro de pesquisa.

As atividades desenvolvidas no Acervo Etnográfico Plínio Ayrosa, no decorrer de seus cinquenta anos de história, responderam de maneira diferenciada a esses objetivos básicos.

Numa primeira fase, predominou o colecionamento, a acumulação de objetos. A maior parte das coleções que entravam no depósito constituíam-se apenas em "conjuntos de peças", reunidos de forma eventual e fragmentária; predominava também, na seleção das peças coletadas, o critério do exótico, do individual, em detrimento do valor etnográfico que artefatos menos vistosos poderiam representar. Assim, entre as coleções mais antigas do Acervo Plínio Ayrosa, predominam os arcos e as flechas - símbolos do "índio brasileiro"; ao contrário, existem poucos artefatos de uso doméstico que poderiam representar melhor o modo de vida das sociedades indígenas.

Por outro lado, as informações que acompanhavam essas coleções eram precárias, orientadas apenas para o colecionador, para o coletor ou ainda para uma caracterização sumária do objeto em si, visto como único, e não para a cultura que o produziu.

A finalidade de um "museu", no entanto, não deve limitar-se à apresentação dos objetos mas na divulgação de informações sobre o contexto, culturalmente centrado, em que tais objetos foram idealizados e construídos.

As coleções reunidas mais recentemente no Acervo vem acompanhadas de informações sobre o uso, a função, as matérias primas e as técnicas de fabricação de cada artefato. Essas informações são levantadas pelo pesquisador, junto ao próprio artesão, durante a pesquisa de campo (vide modelo de ficha para levantamento em campo). Posteriormente, esses dados são transcritos na ficha cadastral de cada objeto (vide modelo, anexo).

Com esses dados, é possível, enfim, classificar todos os objetos do Acervo em função de critérios que permitam recuperar, globalmente, o conteúdo de cada coleção. Esses critérios foram organizados sob forma de índices remissivos, como segue:

ÍNDICE REMISSIVO DAS COLEÇÕES DO ACERVO ETNOGRÁFICO

1. PROCEDÊNCIA:

Brasil,
América do Sul,
América Central,
Europa
Outros,
Procedência desconhecida.

Obs: A quase totalidade das peças cadastradas no Acervo Plínio Ayrosa provêm de mais de 80 povos indígenas distintitos. Essas coleções foram organizadas em função de "áreas culturais indígenas", adaptando-se a classificação estabelecida por Eduardo Galvão (1959).

2. MATERIAS PRIMAS:

| | | |
|----------------|------------------|--------------------|
| Ossos e dentes | Resina | Argila |
| Penas | Fibras e palha | Pedra |
| Pele | Algodão | Metal |
| Conchas | Madeira | |
| Cêra | Cuia e cabaça | |
| outros -animal | outros - vegetal | materiais diversos |

3. TÉCNICAS DE FABRICAÇÃO:

Fiação e tecelagem
Plumária
Trabalhos em contas
Entalhe e escultura em madeira
Entalhe, gravura e escultura em materiais diversos
Pintura e desenho
Modelagem em argila (cerâmica)
Trançados
Enrolado, enodado e similar

Instrumentos diversos
Matéria prima (amostras)
Réplicas
Miniaturas

4. USO DOS ARTEFATOS:

4.1. SUBSISTÊNCIA

- Coleta, pesca, caça
- Lavoura
- Alimentação: preparação e consumo
- Alimentação: conservação
- Produção do fogo
- Artesanato: produção para comércio
- Domesticação de animais

4.2. ARMAS E ARMADILHAS

- Arcos, flechas, lanças, clavas e bordunas, sarabatanas,
- Armadilhas diversas
- Outras armas (propulsor, boladeira, escudo)
- Venenos para caça e pesca (curare, timbó,..)

4.3. TRANSPORTE

- Transporte de crianças: tipoia
- Transporte de carga: cestos de carga
- Navegação: remos, ...

4.4. HABITAÇÃO

- Casa: mobiliário (redes, esteiras, bancos, ...)
- Casa: iluminação
- Habitação: outros

4.5. INDUMENTÁRIA

- Adornos de cabeça, adornos nasais, adornos labiais, adornos auriculares,
- Adornos da face- outros.
- Colares, cintos, bandoleiras, tangas, fechos penianos,
- Adornos dos braços ,adornos da pernas.
- Indumentaria completa.

4.6. TRATAMENTO DO CORPO

- Pintura corporal (instrumentos)
- Deformações artificiais (furadores, etc..)
- Tratamento do corpo: pentes, outros.

4.7. INSTRUMENTOS MUSICAIS, DE RUÍDO E COMUNICAÇÃO

Instrumentos musicais de sopro, percussão, etc..
Instrumentos de comunicação (apitos, trocano, etc..)
Instrumentos de ruído (zunidores)

4.8. VIDA SOCIAL E RITUAL

Brinquedos, educação, aprendizado
Hierarquia social
Esporte e jogos
Narcóticos e alucinógenos
Guerra
Objetos mortuários
Máscaras
Objetos cerimoniais - diversos

Tratamento das doenças: medicina, xamanismo

4.9. USO- OUTROS

Objetos problemáticos
Objetos destinados à venda

A classificação acima foi elaborada a partir de diferentes modelos, especialmente a partir do índice proposto por W.C. Sturtevant, no "Guide to field collecting of ethnographic specimens" (1969) e do índice remissivo das coleções do Musée de l'Homme (Paris).

MUSEU DO "MUSEU"

O avanço da tecnologia permite o desenvolvimento de objetos jamais pensados. Ao mesmo tempo, a busca constante de perfeição torna obsoletos objetos que ontem causavam impacto. Na área de registro de imagens, esse processo é facilmente seguido: da velha caixa fotográfica às modernas "polaroid"; da primeira filmadora às possantes máquinas de VT; do registro da imagem estática ao registro dos movimentos e das côres,....

Os objetos aqui expostos, atropelados pelo tempo e pelas novas invenções, constituíram os instrumentos utilizados por professores do Departamento em seus trabalhos de campo. Hoje, eles estão no "Museu" do Museu, como um dos fragmentos da história do Acervo Plínio Ayrosa.

Até o início da década de 70, o Curso de Antropologia dividia-se em Antropologia Física e Biológica, ministrado no 1º ano e o Curso de Antropologia Cultural, ministrado no 2º ano.

A Antropologia Física abrangia estudos da origem do homem, da evolução da humanidade e das diferentes raças humanas. Durante o Curso, os alunos tinham aulas práticas que envolviam mensurações de crânios e de esqueletos humanos, utilizando alguns instrumentos de medição - hoje guardados no Acervo - assim como material didático diversificado.

Com a morte da Profa. Glaconda Mussolini e a contratação de novos professores cuja carga didática se concentrou no ensino da Antropologia Social, o Curso de Antropologia Física foi abandonado. Atualmente, no Departamento de Ciências Sociais, nenhum professor se dedica a este ramo da Antropologia, em ligação direta com as Ciências Naturais e que, portanto, exige uma formação específica em Biologia. Entretanto, importantes pesquisas vêm sendo realizadas por outras unidades da USP e outras instituições, ampliando o conhecimento existente, sobretudo na área de paleontologia. Longe de ser algo do passado, a Antropologia Física - associando o conhecimento de diversas Ciências humanas: arqueologia, etnologia, etno-história, etc.. - contribui para um melhor entendimento do modo de vida e das migrações das sociedades pre-históricas...

A COLEÇÃO RAMKOKAMEKRA - CANELA DE NIMUENDAJÚ

Desde 1905 até 1945, ano de sua morte, Curt Unkel Nimuendajú dedicou-se ao estudo de grupos indígenas brasileiros. O nome que lhe foi atribuído pelos Apopokuva-Guarani -Nimuendajú - foi por ele adotado oficialmente, em lugar de seu nome alemão - Unkel -quando de sua naturalização como cidadão brasileiro, em 1922. Este fato atesta a total identificação do indianista com os povos que estudava e que constituíam para ele muito mais que objeto de estudo : a eles pertencia,era um deles, vivenciando todos os seus problemas, auxiliando-os o quanto podia e denunciando, em seus escritos, os sofrimentos a que eram submetidos.

Nimuendajú dedicou especial atenção à família linguística Jê, destacando os Apinayé do grupo Timbira Ocidental e os Canela ,Timbira Orientais. Seu primeiro contato com os Timbira dera-se em 1913, em São Luís do Maranhão; na década de 1930, entregou-se quase inteiramente ao estudo da cultura Canela, sobretudo sua estrutura social, resultando deste trabalho a monografia THE EASTERN TIMBIRA, que, juntamente com THE APINAYE, constituem sua maior contribuição à etnologia brasileira, pois nela se desfaz cabalmente as interpretações errôneas, correntemente aceitas, quanto à pobreza cultural dos grupos Jê, demonstrando a complexidade da estrutura social desses povos.

Devido ao desinteresse das instituições e museus brasileiros, Nimuendajú vendeu a maior parte de suas coleções etnográficas a museus europeus. Ele mesmo escrevia, em 1936:

"Com taes vendas de collecções eu conseguia cobrir apenas uma parte das despesas das minhas viagens e longas estadas entre os índios durante as quaes me vejo às vezes obrigado a prestar-lhes socorros que me ficam mais caros que os trabalhos científicos e as collecções. O resto do dinheiro eu arranjava lá "como Deus fora servido", contraíndo dívidas e pagando-as com sacrificio..."(carta de 19 de outubro de 1936, a Fernando de Azevedo).

Entre as poucas coleções organizadas por Nimuendajú existentes no Brasil, a coleção Ramkokamekra-Canela é uma das mais valiosas e completas. Foi despachada de Belém para Santos e, depois São Paulo, por conta do Instituto de Educação da USP, criado pelo Prof. Fernando de Azevedo, na época Diretor e Professor de Sociologia Educacional do Instituto.

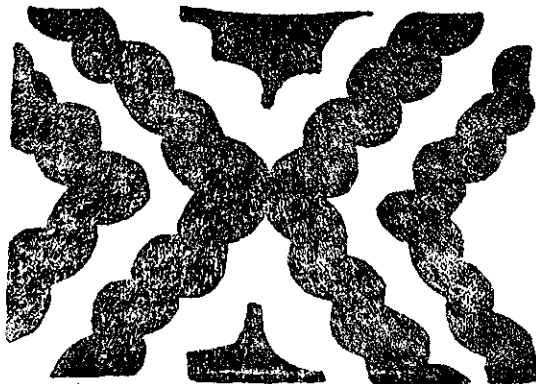
O catálogo da coleção, estabelecido pelo próprio Nimuendajú, discrimina todas as 391 peças ,com indicações sobre a matéria -prima e o uso dos artefatos, divididos entre oito tópicos, como segue:

- armas e utensílios de pesca
- utensílios de casa, instrumentos
- instrumentos de música
- vestimenta e enfeito
- pintura, etc.
- medicina
- utensílios de festa
- brinquedos de criança

Normalmente, Nimuendajú organizava suas coleções com um exemplar de cada tipo de artefato produzido por determinado grupo; além disso costumava reunir todas as variantes - com formas, motivos decorativos e tamanhos diversos - desses artefatos. Nesse sentido as coleções reunidas pelo etnólogo constituem-se como documentos representativos do modo de vida das sociedades indígenas que visitava.

Para ilustrar estes critérios, selecionamos para a mostra, alguns exemplares de armas, coletados por Nimuendajú na aldeia do Ponto. (município de Barra do Corda, Maranhão) entre 1931 e 1936.

Fonte: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
São Paulo, 1970.



PADRÃO DE DESENHO KADIWÉU.

A COLEÇÃO RIO NEGRO

Os artefatos dos índios Tucano, Baniwa, Maku e de outros povos da área Noroeste Amazônico que compoem a Coleção Rio Negro, foram coletados - em sua grande maioria - pela Irmã Catarina de Oliveira, ligada à Missão Salesiana do rio Negro.

Essa coleção, com mais de 350 peças, pe formada por objetos de uso doméstico - como recipientes de cerâmica, trançados, etc... e sobretudo por objetos e adornos cerimoniais, relacionados com a complexa vida ritual desses povos indígenas.

A vida ritual, marcada entre outros pelo ciclo de iniciação masculina, pelos rituais de luto, pelas práticas xamanísticas de cura, foi intensamente combatida pelos mesmos missionários que promoviam a divulgação dessa cultura, com a coleta e a re- venda de objetos, distribuídos entre os museus do país e do exterior.

"Os missionários salesianos chegaram ao Rio Negro em 1916. Instalaram-se para permanecer... Em terras devidamente registradas em nome da Ordem, construíram uma majestosa igreja e as amplas dependências da Missão... A atuação dos Salesianos não se restringe aos menores internados na Missão e às poucas famílias que vivem nas palhoças mais próximas; vão adiante, atuando em aldeias distantes onde uma série de mudanças lhes devem ser atribuídas... A incompreensão revelada pelos missionários é demonstrada pelo ardor com que se lançaram contra as malocas, procurando substituí-las por choças dispostas em arruamentos, cada qual com uma família conjugal..." (Darcy Ribeiro: 1970, 33)

"As malocas são em geral muito bem construídas, as suas coberturas oferecem inteira garantia contra o mais violento aguaceiro.. As casinhas modernas, pelo contrário, são o mais das vezes quentes e mal acabadas. Quanto ao prejuízo que a convivência de diversas famílias na maloca dizem acarretar é simplesmente falso.

O principal motivo, porém, da adversão do missionário contra a habitação coletiva é outro: vê nela, e com toda razão, o símbolo, o verdadeiro baluarte da organização e tradição primitiva, da cultura pagã que tanto contraria seus planos de conversão, de domínio espiritual e social... Na maloca condensa-se a cultura própria do índio, tudo ali respira tradição e independência, e é por isso que elas têm de cair..." (Nimuendajú: 1950).

PROGRAMA DE CONSERVAÇÃO DO ACERVO PLÍNIO AYROSA

Durante os anos de 1984/1985 procedeu-se o Programa de Conservação do Acervo Plínio Ayrosa financiado pela FAPESP. O trabalho foi desenvolvido por Mariana Vanzolini, sob a orientação de Regis Leme Gonçalves, conservador de bens culturais, da Fundação Nacional Pró-Memória. Os objetivos deste programa foram a limpeza, desinfestação e armazenamento das coleções do Acervo.

O trabalho das peças ficou restrito as seguintes categorias de objetivos: madeira (428 peças), plumária (324 peças), cabaças (175 peças), e taquara (429 peças), totalizando 1.356 peças, ou seja, aproximadamente 46% das peças do Acervo.

Cada categoria exigiu um tratamento e uma solução de armazenamento específico.

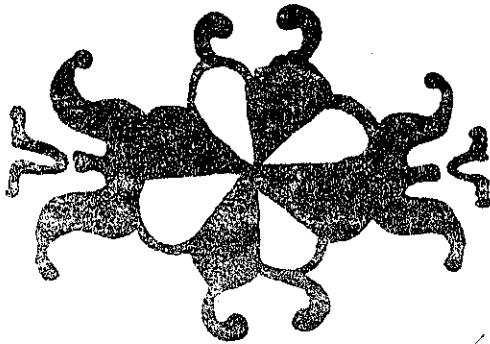
Assim, os objetos de madeira e taquara foram desinfestados com o uso de fosfeto de alumínio em tenda plástica. As cabaças foram desinfestadas uma a uma, devido a dificuldade de suas formas e volumes, com um produto a base de pentaclorofenol. A plumária exigiu um processo de limpeza preliminar, que é delicado e demorado, pois é necessário a limpeza de pena por pena. A desinfestação do material plumário foi feita através do uso de paradiclorobenzol e da improvisação de uma câmara de fumigação.

Após a limpeza e tratamento das peças iniciou-se a embalagem e armazenamento das coleções. Os objetos de madeira e taquara (bordunas, arcos, flechas, etc..) foram suspensos em varais presos ao teto da sala-depósito (sala 104).

Para a plumária foram confeccionadas embalagens individuais em isopor, dependendo do tipo e da fragilidade de cada peça. Cada embalagem recebeu uma cobertura de polipropileno, material escolhido devido a sua estabilidade química e sua transparência, o que facilita o manuseio e o armazenamento.

Cabaças, trançados, objetos de algodão foram armazenados em estantes e armários, sendo separados de acordo com a sua forma, e depois pelos grupos de procedência.

A execução deste projeto permitiu um mínimo de conservação e organização indispensável para a manutenção de um tipo de Acervo como este, composto basicamente por matérias-primas perecíveis.



PADRÃO DE DESENHO KADIWEU

PESQUISA: CULTURA MATERIAL BORORO

A Coleção Bororo é uma das coleções mais completas do Acervo PLINIO AYROSA. Formada entre 1937 e 1983 com artefatos provenientes de várias aldeias Bororo, reunidos por diferentes colecionadores, a Coleção Bororo, de apreciável valor etnográfico, é composta por 509 peças cadastradas.

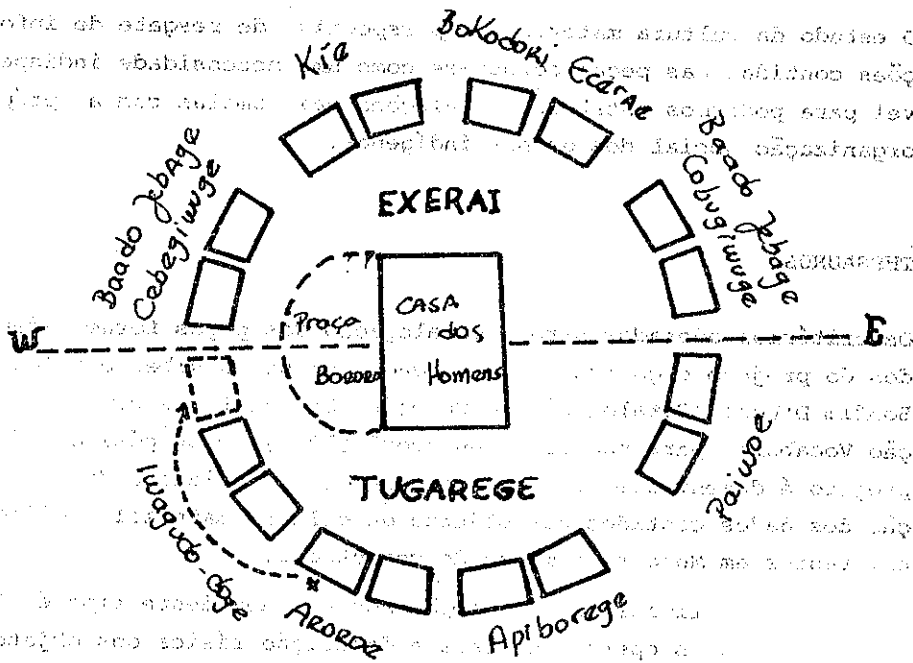
Os Bororo Orientais, localizados no Estado do Mato Grosso do Sul, dividem-se em duas metades: ECERÁE e TUGARÉGE. Cada uma dessas metades divide-se em quatro clãs, que por sua vez, divide-se em sub-clãs ou linhagens. Cada clã está vinculado a certas entidades mítico-ancestrais hierarquizadas, denominadas Iedága-mage, e caracteriza-se por um patrimônio específico de bens, que é composto por um conjunto de nomes pessoais, cantos, ornamentos, espécies ornitológicas, espíritos, armas, danças, seres animais e vegetais. Sobre este patrimônio, os clãs possuem direito de primazia de descoberta e propriedade, mas nem sempre de uso.

O objetivo desta pesquisa é investigar o conjunto dos artefatos produzidos pela sociedade Bororo e suas respectivas representações simbólicas e semânticas. Os artefatos serão estudados primeiramente enquanto suportes da identificação clânica e hierárquica dos indivíduos; numa segunda perspectiva serão analisados como objetos pertencentes aos Boé (Bororo), e por esta razão confeccionados segundo padrões rígidos estabelecidos pela sociedade Bororo. Os objetos de uso interno se contrapõem, assim, aos objetos feitos para serem vendidos e que são marcados por uma mistura de matérias-primas que não corresponde a nenhum padrão clânico, mas que tem uma identificação precisa: a de não ser um objeto para os Boé, mas para Barae, isto é, para os brancos. Isto implicará em analisar a importância dos artefatos dentro da sociedade Bororo, enquanto meio de identificar indivíduos, e fora da sociedade Bororo, ou seja, enquanto um mecanismo de constituição de diferenças.

Nesta pesquisa da cultura material Bororo utilizaremos uma metodologia integrada de pesquisa museológica e pesquisa de campo, visando a recuperação do contexto etnográfico onde estes objetos são produzidos e manipulados. Contaremos também com a orientação do índio Bororo Kanajó Adugo Kirimida na identificação das peças depositadas no Acervo.

A etapa final da pesquisa consistirá na elaboração de uma exposição e do catálogo da Coleção Bororo do Acervo Plínio Ayrosa onde serão divulgados os resultados desta pesquisa etnológica centrada nas questões da identificação clânica e da identidade étnica Bororo.

Luis Donisete Benzi Grupioni



PLANO DE UMA ALDEIA BORORO

CROCKER (1985)

PESQUISA: CERÂMICA INDÍGENA

Em janeiro de 1986, foi realizado um trabalho de fichamento e descrição de cerca de 200 peças de cerâmica, procedentes de diversos grupos indígenas e incluindo algumas peças arqueológicas.

Trata-se de uma coleção extremamente diversificada, do ponto de vista do uso: panelas, tijelas, pratos, moirangas, etc... E em relação às áreas de origem, permitindo um trabalho comparativo a nível das formas e dos padrões decorativos.

A maioria das peças, porém, carecem de informações (local de origem, uso da peça, etc..) necessitando portanto uma pesquisa e o levantamento de critérios para a descrição.

O estudo da cultura material na perspectiva de resgate de informações contidas nas peças coloca-se como uma necessidade indispensável para podermos estabelecer relações mais amplas com a própria organização social dos grupos indígenas.

THESAURUS

Os critérios adotados para a catalogação das peças foram adaptados do projeto organizado e divulgado por Berta Ribeiro & Adalgiza Bomfim D'Eça: "Catalogação de Coleções Etnográficas com Normalização Vocabular para uso de Computador" (1985). O propósito deste projeto é desenvolver uma metodologia de normalização da descrição dos dados contidos nos objetos da cultura material indígena, existentes em Museus, com uso de computador.

A condição preliminar que se impõe aos estudos deste tipo é forjar instrumentos operativos para a descrição física dos objetos. "Assim, essa terminologia foi hierarquicamente estruturada à maneira de um Thesaurus: Um vocabulário controlado e dinâmico de termos, que possuem entre si relações semânticas e genéricas e que abrange, de maneira exaustiva, um campo específico de conhecimento".

Na classificação das peças de cerâmica do Acervo Plínio Ayrosa, foram descritas as partes componentes do vasilhame, os tipos de decoração (interna e externa) e o tratamento e acabamento da superfície apenas em alguns casos de fácil identificação (vitrificação por exemplo).

Por outro lado, todas as peças foram medidas segundo critérios que visam dar uma idéia global de seus tamanhos e proporções, quais sejam: diâmetro do bojo, diâmetro da boca e altura.

PERSPECTIVAS

Houve dificuldade na aplicação de determinados grupos genéricos, pela impossibilidade de identificação e especificação, que somente um trabalho especializado resolveria: identificação das matérias primas, descrição dos processos de manufatura, tratamento e acabamento da superfície, etc..

A perspectiva do trabalho realizado no acervo não se presta meramente a uma descrição formal do Acervo Etnográfico, mas em complemento a esta tarefa inicial, objetiva-se aprofundar os conhecimentos adquiridos, através de pesquisa bibliográfica e através de pesquisas de campo.

A etapa de catalogação da cerâmica coloca-se portanto muito mais como um primeiro passo para o desenvolvimento de pesquisas posteriores, do que como um fim em si mesmo.

CERÂMICA KADIWEU

No sentido exposto acima, elaborou-se um projeto (a ser aprovado pela FAPESP) de estudo e pesquisa sobre a Cerâmica Kadiweu. O projeto consiste no levantamento das manifestações artísticas, tradicionais e modernas, dos índios Kadiweu, através do registro de coleções depositadas em Museus (São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília: Artíndia/FUNAI), e da atual produção de cerâmica dos Kadiweu da reserva da Bodoquena (MS).

O material levantado durante a pesquisa deverá ser organizado sob forma de um catálogo destinado aos artesãos desta sociedade indígena, a ser editado pela equipe do Acervo Plínio Ayrosa.

Julgamos o projeto "Estudo das Manifestações Artísticas Kadiweu - A Trajetória de um Estilo Tribal" extremamente oportuna, considerando a existência de uma importante coleção de cerâmica no Acervo do Departamento, a abundante documentação disponível sobre a história deste povo, e levando em consideração a necessidade de um trabalho atualizado sobre a atual produção de Cerâmica dos Kadiweu.

Jaime Garcia Siqueira Junior
março de 1986

FIGURAS MODELADAS KARAJÁ

A Coleção Karajá do Acervo Plínio Ayrosa compõe-se de 245 peças que ilustram a vida cerimonial e cotidiana deste povo. A diversidade temporal e tipológica dos objetos constitui a principal característica e o interesse desta coleção.

As figuras modeladas constituem a maior parte da coleção (137 peças). São estatuetas confeccionadas em argila, cêra e madeira, representando figuras humanas e animais. Predominam as peças elaboradas em argila, havendo apenas 5 exemplares de figuras em outros materiais.

Para o trabalho de classificação e divulgação foram selecionados 74 exemplares. Destes, temos 9 fragmentos, 42 figuras modeladas com informações e documentação parcialmente completas e 23 figuras com documentação incompleta, válidas para ilustrar a diversidade de estilos.

A seleção deste material obedeceu a critérios de diversidade formal, estado de conservação e disponibilidade de documentação.

O desenvolvimento da pesquisa teve por objetivo abordar os dife-

rentes estilos e suas respectivas técnicas de confecção, o significado destas "Bonecas" para os Karajá e os diferentes motivos da pintura corporal com que são adornadas.

BREVE HISTÓRICO:

Os Karajá habitam as margens do Rio Araguaia, concentrando-se mais especificamente na Ilha do Bananal; a língua Karajá pertence ao tronco Macro-Jê. Atualmente, os Karajá subdividem-se entre três sub-grupos: os Karajá propriamente ditos, os Javaé e o grupo de Xambioá.

Nas últimas décadas, os Karajá foram gradativamente inseridos em um contexto de trocas com a sociedade envolvente, onde produtos artesanais são permutados por bens industrializados. Processo este que acompanhou a progressiva invasão de suas terras por fazendeiros, posseiros e comerciantes de pesca.

A redução populacional e territorial acarretou transformações importantes no modo de vida Karajá. Neste novo contexto, o artesanato tornou-se o principal veículo de participação na economia regional, diversificando-se progressivamente, e redefinindo as atividades artísticas tradicionais.

CERÂMICA FIGURATIVA - CLASSIFICAÇÃO:

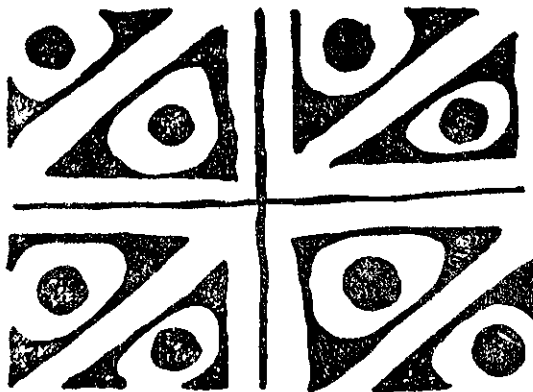
A elaboração de figuras em argila é uma atividade feminina, enquanto as figuras em cêra e as figuras animais são, geralmente, confeccionados pelos homens. O propósito desta arte parecia destinar-se, originalmente, a uma atividade lúdica, onde o próprio ato de modelar constituía-se em um divertimento. Com o advento do comércio nos núcleos urbanos da região e com a visita de pesquisadores na área indígena, estas peças adquiriram uma conotação econômica, devido à sua aceitação no mercado.

O estudo classificatório das figuras modeladas Karajá foi dificultado pela ausência de datação precisa das peças. Sua classificação em termos técnicos-formais seguiu a terminologia utilizada por W. Chiara (1970). A identificação dos motivos da pintura corporal baseia-se no material apresentado por Fenelon Costa (1978).

Discriminou-se ainda a identificação da matéria-prima, a classificação das figuras entre tipos tradicionais e modernos e a análise dos padrões ornamentais visando estabelecer comparações com outros artefatos da coleção Karajá.

Monica Solferini

1984



PADRÃO DE DESENHO KADIWÉU.

ARTE INDÍGENA E SOBREVIVÊNCIA CULTURAL

A cultura material dos povos indígenas, por estar ligada ao uso de técnicas e de matérias-primas típicas de sociedades não industriais, constitui um dos aspectos mais evidentes para definir o índio como portador de uma cultura própria. Cada sociedade indígena produz formas artísticas diversificadas que reproduzem estilos representativos de seu sistema cultural.

As mudanças decorrentes do contato entre essas sociedades e a sociedade nacional se reflete no desenvolvimento de um artesanato destinado à comercialização, diferenciado dos objetos de uso dentro da sociedade produtora.

O desenvolvimento de um mercado para as artes exóticas teve como consequência o aparecimento de muitos artefatos estereotipados, com traços selecionados "como sendo de índio" pelo grande público ao qual se destinam. São o resultado do desinteresse e desestímulo cultural ao qual estão submetidos os povos indígenas no Brasil.

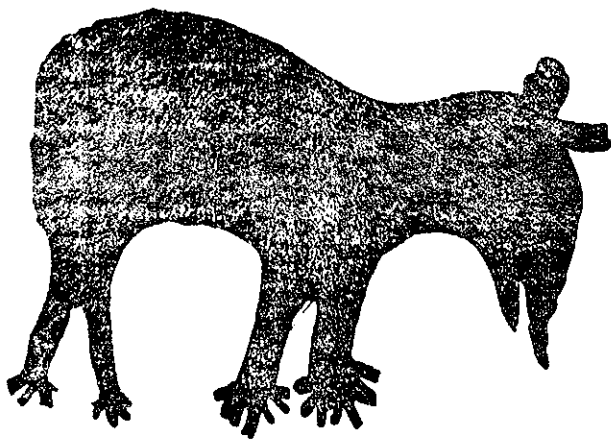
Não é pelo saudosismo de uma arte tradicional que os índios poderiam voltar a produzir expressões artísticas mais "autênticas". Para tanto, falta proporcionar-lhes meios de expressar sua cultura de maneira mais independente.

Grande parte das artes tribais reduz-se hoje, a um meio de sobrevivência, enquanto as lojas que comercializam artesanato usam de meios cada vez mais sofisticados para vender no mercado interno e externo uma imagem folclórica do "índio brasileiro". Via de regra, lucros altíssimos são obtidos no processo de comercialização dos produtos da arte indígena junto aos centros urbanos. Não apenas os artefatos em si mesmos têm sido absorvidos como também padrões e motivos estéticos têm sido apropriados à revelia de seus criadores. Na maior parte dos casos, o controle desse processo escapa aos índios, que costumam receber quantias quase simbólicas por seu trabalho.

Se por um lado a incorporação forçada dos povos indígenas à sociedade nacional e a ocupação desenfreada de seus territórios impõem limites e obrigam a adaptações em seu estilo de vida tradicional, por outro lado, os povos indígenas têm sistematicamente reagido a essa situação.

Assim muitos objetos de "artesanato" mostram como os elementos da realidade imposta pelo contato são retrabalhados e reinterpretados pelas sociedades indígenas, que, nesse processo, lhes atribuem novos significados.

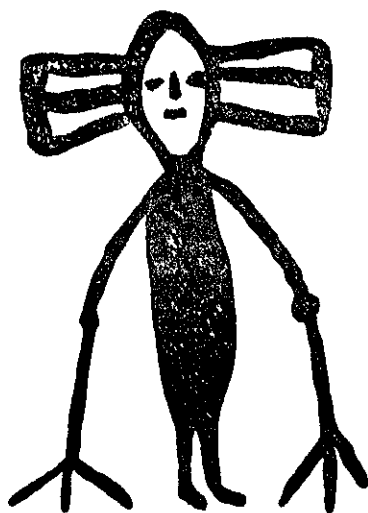
Novas formas de inspiração, novos materiais bem como a conjuntura do mercado vieram renovar ou modificar os padrões antigos, contrastando com o pressuposto conservadorismo das artes indígenas; inovações estas que, quando inspiradas nos moldes tradicionais, dão continuidade à grande diversidade estilística encontrada nas manifestações artísticas dos povos indígenas no Brasil.



ANTA
Desenho de Kikyala, índio
Methina'ku.

"O contato com os objetos, a humildade inculcada no museógrafo pelas pequeninas tarefas que estão na base de sua profissão - desencaixotamento, limpeza, manutenção - o sentido agudo do concreto que desenvolve este trabalho de classificação, de identificação e de análise das peças de coleção; a comunicação com o meio indígena, que se estabelece indiretamente por intermédio de instrumentos que é preciso saber manejar para conhecer, que possuem além disso uma textura, uma forma, muitas vezes mesmo um odor, cuja apreensão sensível, mil e uma vezes repetida, cria uma familiaridade inconsciente com gêneros de vida e de atividade longínquos; o respeito, enfim, pela diversidade das manifestações do gênio humano, que não poderia deixar de resultar de tantos e incessantes desafios para o gosto, a inteligência e o saber, a que os objetos aparentemente mais insignificantes submetem cada dia o museógrafo: tudo isto constitui uma experiência de uma riqueza e de uma densidade que não teríamos razão em subestimar!"

Claude Levi Strauss
Antropologia Estrutural



Ser Sobrenatural: njamalu
desenho de um índio

Mehináku